

- Dominicé, P. (1988). O processo de formação e alguns dos seus componentes relacionais. In A. Nóvoa & M. Finger. *O método (auto)biográfico e a formação* (pp. 51-61). Lisboa: Ministério da Saúde.
- Huberman, M. (1992). O ciclo de vida profissional dos professores. In A. Nóvoa (Org.). *Vidas de professores* (pp. 31-61). Porto: Porto Editora.
- Marcelo Garcia, C. (1999). *Formação de professores: para uma mudança educativa* (Coleção Ciências da Educação: século XXI). Lisboa: Porto Editora.
- Nóvoa, A. (1995). O passado e o presente dos professores. In A. Nóvoa (Org.). *Profissão professor* (2a ed.). Porto: Porto Editora.
- Pereira, A. (2006). A excelência em educação física e desporto a partir de histórias de vida. In A. L. Pereira, A. Costa & R. Garcia (Orgs.). *O desporto entre lugares: o lugar das ciências humanas para a compreensão do desporto*. (pp. 227-244). Porto: Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
- Pineau, G. (1988). A autoformação no decurso da vida. In A. Nóvoa & M. Finger (Orgs.). *O método (auto)biográfico e a formação* (pp. 65-77). Lisboa: Ministério da Saúde.
- Silva, A. (2002). *Por uma política de ideias em educação*. Porto: Edições ASA.
- Tavares, J. (1997). A formação como construção do conhecimento científico e pedagógico. In I. Sá-Chaves (Org.). *Percursos de formação e desenvolvimento profissional* (pp. 59-73). Porto: Porto Editora.

### **Alcances e limites do ensino e aprendizagem em Ead no ensino superior: um relato de experiência**

Rosana Silva de Moura  
UFSC.Brasil  
rosanasilvademoura@gmail.com

## **Resumo**

A educação a distância, enquanto modalidade de ensino marcadamente mediatizada por novas tecnologias, aparece no cenário mundial da educação escolar como modalidade complementar e/ou alternativa às formas tradicionais de escola. Trata-se de uma modalidade de ensino que acompanhou os deslocamentos espaço-temporais trazidos pelo fenômeno de mundialização da cultura e das novas tecnologias (TICs). No Brasil, a educação a distância acompanhou o projeto de universalização do ensino. A educação formal em todos os níveis tem sido acompanhada, com algumas variações, pela modalidade a distância como um modo de suprir a demanda que a educação presencial não dá conta de atender. No que refere ao ensino superior, a educação a distância tem sido veículo de cursos de graduação e também de pós-graduação majoritariamente *lato sensu*. Nesse sentido, este estudo se propõe a discutir alguns aspectos de uma experiência em educação a distância no ensino superior. Trata-se de um curso de especialização *lato sensu* direcionado à formação continuada de professores, desenvolvido na Universidade Federal de Santa Catarina e integrando o Programa Nacional Escola de Gestores da Educação Básica. Conta com a parceria “Aprendizagem escolar e trabalho pedagógico” que, assim como o conjunto do Curso, é orientada na perspectiva teórica de Vygotsky, na perspectiva de uma gestão escolar democrática e na possibilidade de um trabalho colaborativo escolar. Enfrentados os preconceitos iniciais sobre este formato de educação escolar, quais os alcances e limites verificados nesta experiência?

## **Abstract**

Distance education is a teaching modality markedly mediated by new technologies and it appears on the world stage of school education as a complementary and/or alternative modality to traditional forms of school. It is a teaching modality that accompanied the spatiotemporal displacements brought by the phenomenon of culture and new technologies (TICs) globalization. In Brazil, distance education accompanied the project of universalisation of the education. Formal education at all levels has been followed, with some modifications, by the distance modality as a way of meeting the demand that traditional education cannot meet. As regards higher education, distance education has been the vehicle of graduate courses and also of mainly *lato sensu* postgraduate courses. In that sense, this study aims to discuss some aspects of a distance education experience in higher education. It is about a course of *lato sensu* specialization, targeted to the

continued training of teachers, developed at the Federal University of Santa Catarina and integrating the National School Program of Managers of Primary Education. It counts on the partnership of the Ministry of Education (MEC), of the Government of the Santa Catarina State (Education Secretary/ SED-SC) and of the National Union of Municipal Directors of Education (UNDIME - SC). In its second edition (2013-2014), the course takes place in 12 poles in the State of Santa Catarina, with 405 hours distributed in eight environment rooms, culminating in drafting a conclusion work (TCC). The present report is about my teaching experience in the classroom environment "School learning and pedagogical work" which, that like the set of the Course is oriented in Vygotsky's theoretical perspective, in the perspective of a democratic school management and in the possibility of a school collaborative work. Faced initial preconceptions about this format of school education, which are the limits and which is the scope in this experience?

### **Questões preliminares e gerais sobre educação à distância**

Chamamos *educação a distância* toda forma de ensino regular que se dá através das tecnologias de informação e comunicação (TIC's), mas se fôssemos historicizar esta modalidade ao longo da história da educação, no Brasil, encontraríamos suas raízes em experiências inusitadas, intermitentes e, por certo, não no formato das tecnologias conhecidas hoje. Maria Luiza Belloni (2002) nos oferece uma breve apresentação da história da Ead no Brasil, destacando dois projetos do MEC, da década de 90 (Um salto para o futuro/91 e TV Escola/96), além do projeto estadual de formação de professores do Estado de Mato Grosso. Estas são as experiências que a autora apresenta para demarcar a fundação da educação a distância no Brasil, seguindo o contexto de redimensionamento do capitalismo internacional, o que nos leva a vincular a questão ao aprofundamento da relação entre educação e as tecnologias como modo de aceleração de certa democratização do ensino, tendo em vista a carta da Unesco<sup>1</sup>. E, apenas para lembrar, sob uma orientação inicial, o chamado processo de democratização do ensino no Brasil implicou na expansão de seus níveis nos mais distantes rincões do País a partir do princípio universal de que a todos os sujeitos são (ou deveriam ser) dados o acesso e permanência à escola e ao capital escolar e cultural ali construído. A partir destes programas, a Ead se afirma como modo de acelerar o processo de democratização do ensino. Segundo a LDB/96 a educação a distância é uma entre outras modalidades de ensino disponíveis no universo da educação escolar apresentando a peculiaridade de se caracterizar pela "mediatização técnica dos processos educacionais" (Belloni, 2002:5). No entanto, a educação a distância não pode se reduzir a definição de um uso de

---

<sup>1</sup>"Educação para todos", 1990, Jomtien/Tailândia.

tecnologias e de informação sob pena de subsumir, neste suporte técnico, a própria função social que é devida à educação, lugar especialmente dado (mas não o único, cabe dizer) à formação humana. Outro problema remete ao formato que a modalidade tem apresentado vinculando a relação ensino-aprendizado a uma otimização que, segundo Rover (2003:52), possui “forte influência da organização educacional (planejamento, plano, projeto)”. Tais modos de entendimento da EaD apresentam duas faces: uma crítica, necessária em todas as práticas humanas, contribuindo para pensar os limites engendrados pela modalidade e outra limitante, quando se nega a aceitar as possíveis contribuições que pode dar à atualização de professores que, sem este acesso, estariam isolados em suas unidades escolares (e, dadas as distâncias regionais do País, o problema do isolamento se acentua). Como se vê a questão da educação à distância não é simples e tampouco menor. Em face desta complexidade, apresentada aqui ainda que de modo recortado, surge o Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica vinculado à Escola de Gestores da Educação Básica, como um modo de pensar e fazer transformações no chão da escola na modalidade a distância. O desafio está em manter a função da escola distanciada de uma orientação empresarial, pois escola e empresa têm destinações diferentes. Logo, na perspectiva proposta aqui, se impõe a presença da filosofia como lugar de questionamento do existente nos seus *limites e possibilidades*.

### **Considerações sobre a experiência na sala ambiente “Aprendizagem escolar e trabalho pedagógico”: a segunda edição do Curso de Coordenação Pedagógica<sup>2</sup>**

Interpretando o sentido do termo formação, adentramos o território provocativo da filosofia, adensando o conceito para além de uma ideia simplista do formar arbitrariamente a matéria sujeito desde o externo. Este foi o projeto moderno, falido, da filosofia da consciência e dele já tomamos certa distância. Nossa força contemporânea, se é que temos alguma, reside na experiência de nossa debilidade. Cabe mais uma ideia de um pensamento enfraquecido em relação aos propósitos e projetos do que foi chamado de modernidade (Vattimo, 2007). Cabe mais o esforço de uma inversão daquela fórmula moderna na qual predominava o horizonte de expectativas sobre o campo das experiências (Koselleck, 2006), para tentarmos construir algo que realmente faça sentido em termos de universo escolar. Logo, a ideia de formação humana projetada especificamente neste Curso de Especialização no formato EAD, corresponde ao espírito de nossa época e que se encontra em devir, como algo que se faz, se desfaz, se refaz, cotidianamente, tendo em vista a própria provisoriedade da vida e dos contornos que ela segue nos oferecendo. A educação no trato da formação humana precisa estar atenta a esta inconstância, indeterminação, mutabilidade e plasticidade do que é vivo. Esta preocupação, que é de uma ordem ontológica, implica o cuidado

---

<sup>2</sup> Agradeço às contribuições da profa. Lúcia Hardt em relação ao texto de Damiani (2008).

no lugar da tutela (Hardt; Arrias, 2013), contrapondo o antigo paradigma de teorias educacionais, nas quais a relação entre professor e aluno estivera guiada pela mesma relação sujeito-objeto marcadamente moderna. A partir de um questionamento filosófico, ou seja, desde um questionamento dado na situação do indeterminado, seria possível validar a educação a distância como uma forma de ensino implicada na formação humana? Esta é uma pergunta que supostamente nos leva a uma tentativa de resposta não tão fácil quanto pode parecer em um primeiro momento. Tomando a formação humana enquanto devir que não se acha demarcado apenas pela instituição escolar e educação formal, a ideia de *presença* no ensino é algo bastante relativo. Estar em aula não implica necessariamente constituir o espaço social, relacional, da mesma. A presença física, por si só, não garante aprendizagem. Sujeitos podem estar em aula e, no entanto, não se sentirem pertencendo a ela e, por diversos motivos, muitas vezes, estar em aula pode não fazer sentido algum. O fato de uma aula ser na modalidade presencial ou à distância não determina *per si* o envolvimento de professores e alunos. A aprendizagem pode acontecer por meio de uma plataforma virtual e não acontecer em sala de aula, como também o contrário é verdadeiro. Então, a questão parece ser outra. A questão parece remeter ao envolvimento entre os sujeitos e o ensino, à captura do desejo de aprender e quando este encontra uma didática que lhe acolhe dizemos que houve aprendizado. Talvez o problema resida bem mais nos conteúdos programáticos desenvolvidos e os limites de articulação que os currículos escolares apresentam. Ou ainda, algo de uma ordem mais profunda, como aquela de uma fragilidade estrutural que embota a vida de uma possível cultura criativa e interpretativa dos sujeitos e da qual padece a educação brasileira. Talvez, também, nossa proposta de educação à distância aplicada à atualização dos professores que atuam na educação básica esteja abrindo um caminho de formato outro em termos de educação à distância, a partir do *modo* como temos pensado o fazer educação à distância. É possível afirmar que este *modooutro* de fazer a educação à distância tem por base estruturante três elementos, a saber: 1) a aprendizagem é a razão de ser da escola 2) a indiscutível necessidade da prática pedagógica vinculada à gestão democrática na escola, demandando o trabalho colaborativo de seus sujeitos, 3) a prática pedagógica é também teoria, porquanto quem a exerce é o professor-intelectual. Esta base estruturante, como estou chamando, pode ser o ponto a partir do qual a educação à distância na sua prática abandona a mera otimização e administração do tempo e do conhecimento imposto pelo currículo. Pois, tem por princípio a autonomia de pensamento quando pensa na construção de uma escola participativa formada por intelectuais e não apenas reprodutores de conteúdos curriculares sem sentido na realidade da unidade escolar onde atuam. Retomando a ideia dos três elementos estruturantes apresentados anteriormente é possível esboçar um desenho de Ead viva, na qual questionamentos sobre a escola e políticas públicas estejam presentes. Questionamentos estes que direcionam aos sentidos da formação e aprendizagens humanas. Assim, “[...] deslocamos o olhar da aprendizagem unilateral, na direção do professor-estudante [...] para as

aprendizagens que se constituem na relação estabelecida por esses sujeitos, em que são organizadas redes de entajuda e a aprendizagem torna-se elemento que provoca a auto-organização e a recriação de si mesmos [...]”. (Hipólito; Rosal; Wendhausen, 2013: 48). Parece, então, que, mais importante do que a transmissão de conhecimento na experiência em Ead, da qual dou relato, está em questão o modo como ela se desenvolve e os princípios que persegue. Este modo se refere a uma abertura que se estende tanto à possibilidade da conversa entre seus sujeitos como também a um entendimento de que o conhecimento tem uma plasticidade que permite novos arranjos, ajustes e ampliações conforme a colaboração e demanda dos sujeitos. Ou seja, mesmo que tenhamos um planejamento, este não engessa ações futuras: podemos retomar pontos, questões, planos de ensino na medida em que a realidade solicita ampliação ou reparação. Nesse sentido, estamos imersos na ideia do trabalho colaborativo na escola como alavanca de aprendizagens. Tal é a contribuição que a radicalidade da filosofia neste contexto pode produzir: uma consciência formada na experiência do tempo presente. É importante considerar que “grupos colaborativos são aqueles em que todos os componentes compartilham as decisões tomadas e são responsáveis pela qualidade do que é produzido em conjunto, conforme suas possibilidades e interesse” (Damiani, 2008: 214). O trabalho colaborativo se alia ao entendimento de Vygotsky sobre aprendizagem e à capacidade que os humanos têm de se imitarem, o que dá a ideia do quanto o grupo colaborativo pode desenvolver habilidades nos sujeito para participação a partir de certa mimesis social, refletindo na “formação da consciência humana” (Damiani, 2008: 216). Por isso, também a solidariedade pode ser aprendida. Fundamentalmente, a ideia sinaliza para o entendimento de que o trabalho colaborativo entre professores e professores, alunos e alunos, professores e alunos, com apoio do coordenador pedagógico (sujeito de identidade em construção no Curso), propicia uma aprendizagem de matiz também colaborativa e participativa. Entretanto, a questão é que o professor, não raro, quer distanciar-se da identificação com a figura intelectual, como se, chamado à tarefa intelectual que lhe concerne, porquanto crítico e inserido em uma comunidade científica e formativa, abandonar-se-ia o mundo da vida. A ele cabe uma função social que se refere à mediação entre múltiplas formas culturais: o professor é legítimo intérprete da cultura, como bem destacam Mellouki e Gauthier (2004). Mas, é possível construir trabalho colaborativo em qualquer escola? Segundo nossa perspectiva, não. Há uma intimidade entre esta forma de trabalharmos colaborativamente e uma gestão escolar democrática (Gadotti, 19994), vivamente participativa: os limites entre trabalho colaborativo e gestão democrática na escola são mesmo muito tênues a ponto de se confundirem. Por isso se diz que uma das maiores aprendizagens que se processam na escola é a da cidadania: um exercício permanente de aprender a participar e conviver.

## Referências

- Arrias, Neide; Hardt, Lúcia (2013). Formação e cuidado: trajetória de uma experiência de EAD no Estado de Santa Catarina. In Lúcia Schneider Hardt, Neide Martins Arrias, Gigiane Paula Smolinski (Coordenadoras), *A coordenação pedagógica e os dilemas do labirinto: Onde está o fio de Ariadne?* (pp 90-100). Nova Petrópolis: Nova Harmonia.
- Belloni, Maria Luiza. Ensaio sobre educação a distância no Brasil. *Educação & Sociedade*, Vol. 23, n. 78. Brasil: Campinas.
- Damiani, Magda (2008). Entendendo o trabalho colaborativo em educação e revelando seus benefícios. *Educar*, n. 31, (pp 213-230). Curitiba: Brasil.
- Gadotti, Moacir (1994). Gestão democrática e qualidade de ensino. *1º Fórum Nacional Desafio da qualidade e total no ensino público*. Belo Horizonte, Brasil.
- Hipólito, Christina; Rosal Fátima; Wendhausen, Mônica (2013). O papel supervisor pedagógico em EAD na formação de professores para uma escola do século XXI. In Lúcia Schneider Hardt, Neide Martins Arrias, Gigiane Paula Smolinski (Coordenadoras), *A coordenação pedagógica e os dilemas do labirinto: onde está o fio de Ariadne?*(pp 48-55). Nova Petrópolis: Nova Harmonia.
- Koselleck, Reinhardt (2006). *Futuro passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC.
- Mellouki, M'hammed; Gauthier, Clermont (2004). O professor e seu mandato de mediador, herdeiro, intérprete e crítico. *Educação & Sociedade*, v.25 n.87. Brasil: Campinas.
- Rover, Aires (2003). A educação a distância no ensino de graduação: contexto tecnológico e normativo. In Roberto Fragale Filho (Coordenador), *Educação a distância: Análise dos parâmetros legais e normativos* (pp 43-69). Rio de Janeiro: DP&A.
- Vattimo, Gianni (2007). *O fim da modernidade. Nihilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna*. São Paulo: Martins Fontes.

**Interdisciplinaridade nas concepções e práticas de professores de ensino superior:  
Um estudo como base de programas de formação docente sob a ótica dos sistemas  
complexos**